

O MUNDO EM QUE JESUS VIVEU

O Império Romano explorava aquela região toda. As antigas nações eram todas simples províncias do Império. Tibério orientava os Governadores das Províncias: Devemos tosquiar as Províncias, não barbear. Deviam cortar rente, não rapar com a navalha.

O Imperador era o grande pai, o patrono, o patrão. Tinha os títulos de Pai da pátria, de Salvador, de Senhor, de Sumo Pontífice, de Divino ou Santo. Era o senhor de todo o mundo e o patrono de todos, que eram clientes, quer dizer dependentes dele. Era onipotente, tinha o direito de fazer o que quisesse, até mesmo convidar para o espetáculo de animais ferozes devorarem um ou mais prisioneiros, e ninguém podia questionar.

O Imperador, chamado sempre de César, era bom, perfeito, santo, augusto, divino, era o deus acessível. Havia templos em que a imagem venerada era a do deus Apolo com as feições do Imperador atual. Ali eram oferecidos sacrifícios e celebrados cultos ao deus Imperador Romano. Ele era o Senhor e o Salvador do mundo, aquele que lhe trazia PAZ E SEGURANÇA. Foi encontrado um monumento dedicado à PAZ E SEGURANÇA do reino de César. A desculpa para subjugar as outras nações era trazer-lhes paz e segurança.

A chegada de César ou do domínio do Império a um lugar era chamada de Evangelho, ou a boa notícia de César. Ao Imperador todos deviam a “fides”, palavra latina que se traduz por fidelidade e também por fé. Quem não era fiel a César, não como a um simples chefe político, mas como ao próprio Deus era considerado ateu e inimigo da PAZ ROMANA.

Só César era Pai ou patrono de todos. Outros eram amigos ou clientes, dependentes de César, e, ao mesmo tempo eram patronos de outros, que eram clientes desses e patronos de outros menores, até se chegar aos últimos da sociedade que eram apenas clientes ou dependentes.

O patrono conseguia alguma coisa para seus clientes como um emprego, uma função qualquer, apoio em algum empreendimento etc.. Mas tudo era favor. O cliente não tinha direito a nada, devia apenas ser agradecido e fiel ao seu patrono, dar-lhe sempre todo o apoio, especialmente quando ele pretendia alcançar alguma função pública mais importante. Cada um era reconhecido ou identificado pelo seu patrono, era da casa deste ou daquele. A gente diria hoje era da política do compadre fulano ou do compadre beltrano.

Não havia relacionamento horizontal. Todos só olhavam para cima, nunca para os lados. Não havia companheirismo, só havia submissão, favor, dependência, gratidão, fidelidade incondicional ao chefe. A fidelidade e gratidão ao patrono é que dava segurança ao cliente. Olhar o outro como irmão e companheiro era derrubar todo o esquema que sustentava o domínio de Roma sobre o mundo em torno do Mar Mediterrâneo.

O mundo mediterrâneo estava submisso, assim, ao reinado de César, era o reino de César. Jesus, por seu lado, anunciava a chegada do reino ou reinado de Deus, em tudo e por tudo diferente, a começar por ver no outro um irmão, um companheiro. Para aquelas comunidades pobres e exploradas da Palestina o Evangelho, a Boa Notícia, é o reinado de Deus em lugar do reinado de César.

Agora, Senhor é Jesus, não César. É bom lembrar que um cidadão romano nunca podia ser crucificado, seria humilhação demais. E para os judeus, um crucificado é um amaldiçoado por Deus (Dt 21,22-23). Jesus, um excluído da cidadania e amaldiçoado pela própria religião, é o único Senhor! Esse o

pensamento das comunidades cristãs do início, que afirmavam: “Jesus é o Senhor!”. A ele é que devemos “fides”, fé, fidelidade, nEle é que devemos crer.